



Apresentação

doi 10.52521/21-10962

José Vicente Tavares dos Santos  

josevtavares@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Níliá Viscardi 

nilia.viscardi@gmail.com

Universidad de la República - Udelar

“Do ponto de vista metodológico, podemos concluir que o estudo da função histórico-literária de uma obra só adquire pleno significado quando referido intimamente à sua estrutura, superando-se deste modo o hiato frequentemente aberto entre a investigação histórica e as orientações estéticas” (ANTONIO CANDIDO, *Literatura e Sociedade*, p. 199).

Para compreender e reconstruir o sistema literário, Antonio Candido, em *Literatura e Sociedade*, sugere que a análise literária deve combinar fatores internos e externos das obras e deve averiguar como a realidade social se transforma em componente de uma estrutura literária, a ponto de poder ser estudada em si mesma; por conseguinte, o conhecimento desta estrutura permite compreender a função que a obra exerce (CANDIDO, [1965] 2010, p.83).

O sistema literário seria composto por um conjunto de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes de uma fase, seus temas e formas. Estes denominadores são, além das características internas (língua, temas, personagens, imagens), certos elementos de natureza social e psíquica, literariamente organizados, que se manifestam historicamente e fazem da literatura um componente da civilização. Por outro, temos elementos externos decisivos para esta articulação: 1) um conjunto de produtores mais ou menos conscientes de seu papel; 2) um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público; 3) um mecanismo transmissor, uma linguagem traduzida em estilos (CANDIDO, 2006, p.25; CANDIDO, 2007, p. 14-15)¹.

Tal conjunto de elementos dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a

¹ Para comentários à obra de Antonio Candido, cf. D’Incao & Scarabôto, 1992; Aguiar, 1999; Ruedas de la Serna, 2003; Waizbort, 2007; Fonseca & Schwarz, 2018; Fischer, 2021.

literatura, que aparece como um sistema simbólico, um conjunto de obras por meio do qual as dimensões mais profundas do indivíduo se transformam em elementos de contato entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade. Em outras palavras, a abordagem dialética entre literatura e sociedade deve levar em consideração as dimensões do social (contexto) e da estética (texto) da obra literária e suas influências recíprocas. Seja a literatura como objetos autônomos como estrutura e significado, seja a literatura como forma de expressão, ou, ainda, a literatura como forma de conhecimento do indivíduo e do mundo.

A relação íntima entre literatura e sociedade, forma e história, texto e contexto social demonstra que os fatos históricos, as condições sociais e os elementos políticos relacionam-se intrinsecamente com a construção da obra literária, constituindo-se como fatores indiscutíveis à compreensão da literatura. Por vezes aparecendo como paródia ou paradoxo, como nos romances de Machado de Assis (SCHWARZ, 1977 e 2000). Trata-se de um modo de interpretação sociológica e crítica que interliga, na tessitura da análise, tanto os fatores sociais e históricos quanto as questões formais e estéticas. Antonio Candido, inicialmente, analisou tais dimensões ao reconstruir sociologicamente a “cultura rústica” e sua decomposição nos parceiros do Rio Bonito (CANDIDO, 1971). Forma e estrutura literária passam, assim, a ser conceitos chaves na compreensão do romance, uma chave interpretativa (NUNES, 2009).

A narrativa romanesca expressaria, de modo privilegiado, os fenômenos de transculturação, característica da modernidade, desde Luís de Camões, em *Os Lusíadas* (IANNI, 2000, pp. 102-104), e Miguel de Cervantes, *Don Quijote de La Mancha*. Ou seja, escreve Ianni:

O romance está sempre desafiado pelas possibilidades e impossibilidades de esclarecimento, entendimento ou conhecimento de dimensões imponderáveis ou fugazes da vida social, real e imaginária. Simultaneamente, no entanto, a ficção leva sempre algo de inquietação, interrogação e estranhamento, tanto quanto de sublimação e exorcismo (IANNI, 2000, p. 119).

Chegamos a uma definição atual da sociologia da literatura, nas palavras de Gisèle Sapiro:

A sociologia da literatura se dedica a estudar o fazer literário como fazer social. Isso implica uma dupla interrogação: sobre a literatura como fenômeno social, do qual participam várias instituições e indivíduos que produzem, consomem e julgam as obras; sobre a inscrição das representações de uma época e das questões sociais nos textos literários (SAPIRO, 2019, p. 11).

Em outras palavras, a literatura está no cerne da imaginação social, como es-

creve Jacques Leenhardt

O que deveria, por outro lado, interessar à sociologia é perscrutar de que maneira as esquematizações envolvidas nesses processos têm, elas próprias, efeitos sobre as tomadas de posição dos atores na sociedade e como elas se distribuem de maneira específica e diferenciada segundo os grupos sociais aos quais pertencem tanto escritores quanto leitores. Encarar de frente e de maneira experimental a energia própria a essas esquematizações abriria caminho para uma sociologia das transformações sociais (LEENHARDT, 2018, p. 45).

A delimitação de três orientações nos estudos de sociologia da literatura foi realizada por Paulo Alves, Andréa Borges Leão e Ana Lúcia Teixeira. Em primeiro lugar, salientam “as correntes da “estética sociológica”, que tendem a desidealizar a obra literária, creditando-a a fatores sociais. Fundamentam-se na delimitação das condições sociais, culturais e materiais presentes na obra literária”. (...). A segunda, a crítica literária: “Nessa perspectiva, a análise da “obra literária” é realizada por elementos formais da arte: técnicas, gêneros, relações sintagmáticas, conteúdo da linguagem e influências estéticas”. Contudo, a “crítica literária” também privilegia uma discussão sobre a inscrição simbólica de elementos sociais na literatura, ou seja, toma “o texto literário como plano em que se inscrevem aspectos sociais singulares”, posto que constituídos dentro de uma determinada “forma”. A terceira, “os “estudos históricos”, os quais “procuram superar a centralidade do “texto” (pressupostos nas duas vertentes anteriores) e voltam-se predominantemente para compreender formas de expressão de uma época, percursos intelectuais, status e identidade do artista, constituição de público, instituições sociais e culturais que viabilizam a criação da obra” (ALVES, LEÃO, TEIXEIRA, 2018, p. 228-229).

Sobressai a obra de Raymond Williams, desenvolvendo uma sociologia das “formas discursivas”, pois “tratar os textos como discursos, ..., implica investigar os lugares sociais a partir dos quais os autores produzem os seus textos, de modo a articular, dialeticamente, texto e contexto (PASSIANI, 2020, p. 6). Escreve Enio Passiani:

Para as análises de discurso sociologicamente orientadas, o exame recai sobre os processos sociais (que implicam pertencimentos e disputas que são sociais) de construção de sentido que assumem a forma de um discurso. Neste caso, a abordagem está cientificamente preocupada em analisar as dimensões sociais e culturais das elaborações discursivas. Dito de maneira diversa, as abordagens sociológicas ocupam-se da natureza social dos processos discursivos (PASSIANI, 2020, p. 16).

Propôs, ainda, a noção de “estrutura do sentimento”, a partir da qual procura articular a experiência intelectual e sua prática concreta: “Mas já que o conceito trata da articulação entre a experiência intelectual e sua prática – que é o fazer artístico propriamente dito, como o ato da escrita para o escritor –, Williams aponta que essa experiência à prática a ela ligada não ocorrem solitária e isoladamente, mas são compartilhadas por

outros artistas, sejam eles de um mesmo grupo, sejam de outros, numa situação histórica particular (PASSIANI, 2009, p. 286).

Em outras palavras, a contribuição de Raymond Willians é assinalada por André Botelho e Maurício Hoelz:

O autor concebe as obras literárias como produtos e produtoras de processos históricos conflituosos, nos quais as próprias formas literárias são forjadas por relações sociais. Portanto, a dualidade usual entre literatura e realidade, cultura e sociedade, eclipsaria sua intrínseca conexão: a literatura é inconcebível sem a realidade que ela produz e reproduz, assim como a sociedade, sem a cultura que define seu modo de vida e formaliza seu complexo de relações (BOTELHO E HOELZ, 2016, p. 273).

Ainda mais, os autores, contrapondo-se à ideia de reflexo, introduzem, de modo clarividente, a noção contemporânea de reflexividade para a compreensão da relação entre romance e sociedade:

Considerar literatura e sociedade como mutuamente referidas ao mesmo tempo exige e permite passar do paradigma do “reflexo” ao da “reflexividade”. Implica a discussão não somente de novas formas de compreensão sociológica do literário (isto é, do artístico), como vem sendo feito, mas também da própria vida social como compreendendo tanto estruturas e recursos materiais quanto imateriais. E de como estes últimos, em interação contingente com os primeiros, podem ou não influenciar a ordem social da qual fazem parte e também são elementos relevantes para as possibilidades de ação coletiva e mudança social. No centro dessa problemática, coloca-se a necessidade de se completar o movimento analítico característico da sociologia da literatura como devedora das premissas fundamentais da sociologia do conhecimento, segundo as quais a literatura é socialmente construída, para buscar modos consistentes de demonstração de que ela também participa da construção da sociedade (BOTELHO E HOELZ, 2016, p. 280).

Recentemente, várias revistas de sociologia publicaram dossiês sobre literatura, representações sociais e sociedade. Tania Regina de Luca apresentou o “Dossiê Pierre Bourdieu e a literatura”, na revista Estudos de Sociologia, da FLC de Araraquara da UNESP, em 2009 (LUCA, 2009), trazendo análises sobre Pierre Bourdieu, Raymond Willians, Primo Levi, e críticas de autores brasileiros (Júlia Lopes de Almeida, Cora Coralina, Francisco Alvim, Euclides da Cunha, Antonio Candido e Antonio Carlos de Brito).

Maria Stela Grossi Porto organizou o dossiê sobre “Representações sociais: ampliando horizontes disciplinares”, na revista Sociedade e Estado da UnB. Estão presentes na revista as contribuições de Serge Moscovici, Denise Jodelet, Ângela Almeida, Ângela Arruda, Irllys Alencar Barreira, alinhavando a seguinte perspectiva:

... as representações sociais voltadas para a compreensão de como crenças, valores e normas desempenham uma função prática de orientação das condutas e contribuem para a constituição da realidade da qual se ocupam (GROSSI-PORTO, 2009, p. 647).

A mesma autora trouxe uma contribuição decisiva para a compreensão do significado da violência, insistindo na relevância de estudos acerca das representações sociais da violência, pois

... aquilo que os atores sociais nomeiam como violência varia segundo as representações que esses se fazem do fenômeno. Varia, igualmente, segundo a natureza da sociedade na qual o fenômeno é definido. (...). Afirmação que faz com que a questão da inserção social dos atores readquira relevância: as representações sociais são passíveis de distinções, em função dos múltiplos pertencimentos socioeconômicos e culturais nos quais os indivíduos e/ou grupos de indivíduos se inserem (GROSSI-PORTO, 2010, pp. 75-76).

José Vicente Tavares dos Santos e Alex Niche Teixeira editaram “Figurações da violência”, publicado em *Sociologias*, em 2013,

O objeto deste dossiê consiste nas representações coletivas sobre a violência na modernidade, com base em uma sociologia do romance policial e do romance da violência. Propõe um conjunto de textos sociológicos sobre uma série de romances, do realismo ao romance policial e ao romance da violência na sociedade contemporânea (TAVARES DOS SANTOS E TEIXEIRA, 2013, p. 140).

Sucederam-se as contribuições de Diana Palaversich, Joachim Michael, Pablo La Parra Pérez, Julio Souto Salom, Nilia Viscardi e Michel Misse.

Enio Teixeira editou o dossiê *Sociologia dos Intelectuais*, na revista *Sociologias*, em 2018, propondo uma análise da gênese moderna dos intelectuais, expressa nos textos de Bernard Lahire, Nilton Ken Ota, Adélia Miglievich-Ribeiro, Edison Romera, Luiz Jackson, Alejandro Blanco, Lídia Girola, Hélió Trindade, Marcelo Cigales e Fernando Mezdri. Salienta a possibilidade de os intelectuais serem intérpretes dos imaginários:

Num terreno sócio-histórico tão fragmentado e pluralizado, tão marcado por atos de intolerância, cravejado de desigualdades de todas as naturezas, tão atravessado por antagonismos radicais, talvez os intelectuais possam atuar como uma espécie de intérpretes, mais ou menos como sugere Homi Bhabha, a criar pontes entre mundos distintos para sonharmos mundos possíveis, obrigando-(n)os a uma reinvenção de si que depende, por suposto, da reformulação dos campos intelectuais e da *illusio* que é o seu resultado e os baliza (PASSIANI, 2018, p. 41-42).

Esta discussão também se alonga em Carlos Altamirano – uma tribo inquieta -, Gisèle Sapiro – a obra e o autor - e Louis Pinto – sociologia dos intelectuais (ALTAMIRANO, 2013; SAPIRO, 2020; PINTO, 2021). Notadamente, na América Latina, encontramos a afirmação de uma relação de complementariedade entre intelectuais, e a literatura, largamente demonstrada por fecundos depoimentos de sociólogos de diversos países (TRINDADE, 2021). Isto permitiu a um sociólogo da contemporaneidade escrever o elogio da literatura (BAUMAN E MAZZEO, 2020).

O dossiê organizado por Ana Lúcia Teixeira, *Literatura e Sociologia*, publicado em *Sociologias*, no mesmo ano de 2018, teve como objetivo:

...tratou-se de redesenhar a literatura como objeto particular no conjunto dos objetos estéticos, de forma a reivindicar um aparato conceitual específico, que não se confunde com aqueles dedicados à análise de outras formas de arte (TEIXEIRA, 2018, p. 22).

Salientava, ainda, como as tecnologias digitais trazem nova dificuldade:

Essa questão adquire especial relevância num momento como este que atravessamos, em que transformações de toda ordem têm se processado no plano simbólico, em razão da hegemonia que as tecnologias digitais vão estabelecendo nas relações sociais, de forma que se impõe ao sociólogo a necessidade de refletir sobre as condições e os limites dentro dos quais a sociologia pode, a um só tempo, ler e dar legibilidade ao mundo social (TEIXEIRA, 2018, p. 19).

Tais preocupações na sociologia brasileira expressam que a literatura efetiva um modo de representação do objeto social marcado pela forma estética e pelo plurilinguismo (BAKHTIN, 1993, *passim*). Na linguagem romanesca, está presente o “efeito do real”:

Entendo por efeito do real quando em um texto, subitamente, temos a sensação de que a linguagem se dissipa em proveito de uma certeza da realidade, como se em alguns momentos a linguagem mudasse, se interiorizasse e desaparecesse enquanto linguagem, deixando às claras aquilo que diz (BARTHES, 2015, p.155).

Por conseguinte, o romance sempre esteve marcado pela ambiguidade, ou pelo paradoxo:

O romance é a um só tempo o impulso atemporal de narrar e a expressão imediata do presente. É a continuidade de um gesto antigo e também sua crítica ... É a repetição do mesmo ato narrativo, mas também sua mudança perpétua, tendo como fim o inacabamento (FUKS, 2021, p.14).

A obra do jovem Lukács, *Teoria do Romance*, buscou uma nova correlação entre literatura e sociedade, entre conteúdo e forma (LUKÁCS, [1920] 2000). O objetivo da sociologia do romance, no interior da sociologia da literatura, é a reconstrução das homologias entre a sociedade e a forma romanesca:

Indeterminável, sim, indefinível, claro, mas se houvesse um traço determinante no romance, se um aspecto definitivo devêssemos ressaltar, seria sem dúvida seu pendor para o realismo (FUKS, 2021, p. 15).

Na elaboração de uma sociologia do romance, Goldmann estabeleceu as múltiplas dimensões para sua explicação:

- a) Homologia de estruturas com a liberdade individual, ou seja, um equilíbrio entre o sujeito da ação literária e o objeto social no qual ele age, pois o esmero do grande escritor é recriar um universo imaginário;
- b) O estudo sociológico, estrutural e genético. Goldmann procura transpor para a literatura dois movimentos, a compreensão e a explicação;
- c) A categoria da mediação é fundamental nesta empreitada, pois se interpõe entre a vida econômica da sociedade e as criações culturais. A passagem pela mimesis consiste em perceber a figuração da sociedade e do indivíduo, uma vez que a obra literária expressa a consciência possível; ou seja, a obra literária é a consciência de um sujeito enquanto individualização de uma complexa rede de relações entre vários indivíduos (WILLIAMS, 2011, pp. 15-27). Trata-se de estudar a correspondência entre a unidade expressa pela criação cultural, pelo artista ou pelo escritor, e a evolução da estrutura de uma determinada sociedade, percebendo a transculturação presente na obra literária (IANNI, 2004, p. 161; RAMA, 2008).
- d) O romance novecentista produziu diversas personificações do herói problemático, desvelando a ruptura entre o herói e a sociedade (LUKÁCS, [1920] 2000). Por conseguinte, estamos diante de um mundo secular, uma espécie de epopeia trágica na qual os personagens vivenciam a finitude. A figuração literária aparece plena de complexidade e densidade, entre o social e o sujeito, entre as estruturas e a atuação dos personagens. Aparece uma dimensão crítica imanente, tal como nas personagens de Jane Austen (TAVARES, 2018). Podemos caracterizar o romance como a epopeia trágica, na qual a totalidade da vida não é mais evidente, como o fora nos gregos, mas que ainda apresenta uma busca de totalização, possivelmente oculta e inconclusa, mas sempre processual. Em outras palavras, em uma narrativa plena de ironia, o herói problemático é demoníaco. O herói problemático se debate entre a tarefa de tentar realizar valores e um universo social hostil. Kafka nos veio a trazer a figura do contra herói problemático acompanhado pela incompletude da justiça, e da narrativa.
- e) O romance veio a conformar uma nova sensibilidade em relação ao tempo, mesclando forma e conteúdo. Por conseguinte, torna-se possível uma sociologia do romance, ou uma estilística sociológica das vozes sociais e imaginárias (BAKHTIN, 1993, passim).

Haveria três níveis de pesquisa – as condições materiais de produção das obras, as representações nelas presentes e as condições da recepção (SAPIRO, 2019, passim). Contudo, nesse dossiê privilegiaremos as duas primeiras dimensões. Em outras palavras, o romance alimenta a imaginação sociológica (BARRÈRE E MARTUCELLI, 2009),

derivada do prazer do texto que o desejo de escrever vem a expressar (BARTHES, 1973).

As rupturas e dilaceramentos entre o mundo e o indivíduo problemático expressa-se, enfim, no romance. No texto romanesco, percebe-se um embate entre a memória e o futuro, algo socialmente determinado, mas sempre em desenvolvimento como um processo fluido, mantendo, no século XXI, sua perspectiva crítica (PERRONE-MOISÉS, 2016). Ademais, as possibilidades de análise do romance mediante as metodologias informacionais estão em aberto (MORETTI, 2003; TAVARES-DOS-SANTOS, 2001; TAVARES-DOS-SANTOS & BAUMGARTEN, 2005).

Em síntese, a sociologia do romance ostenta as seguintes características: a) homologia de estruturas sociais com o sujeito da ação literária em uma figuração imaginária; b) o estudo sociológico, estrutural e genético; c) a categoria da mediação, pois a mimesis consiste em perceber a figuração da sociedade e do indivíduo, a obra literária expressando uma consciência possível; d) o romance produziu diversas personificações do herói problemático, desvelando a ruptura entre o herói e a sociedade; e) enfim, a literatura romanesca veio a conformar uma nova sensibilidade em relação ao tempo, mesclando forma e conteúdo, em uma polifonia estilística de figuração do espaço – tempo social, indicando as possibilidades de futuro.

A violência sempre esteve presente na história latino-americana (SCHWARCZ, 2019, *passim*), e os efeitos de violência aparecem nos relatos históricos, nas representações sociais e nas obras romanescas, configurando a violência no imaginário latino-americano, razão pela qual,

a imersão na alma coletiva é cada vez mais imperativa, nesses sentimentos coletivos profundos cujos relatos desvelam a violência como dimensão instituída e instituinte da cultura política (ADORNO, 2008, p. 12)

Esta presença das violências, dissimuladas ou abertas, pode ser localizada na literatura brasileira. Em autores como Euclides da Cunha, a violência em *Canudos*, (GALVÃO, in CUNHA, 2019); a cidade dos excluídos, em Lima Barreto (SCHWARCZ, 2017); a personagem feminina no sertão, em Raquel de Queiroz (ARRIGUCCI JR., 2010); a poética e o realismo em Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos, Caio Fernando Abreu (GUINSBURG, 2012; SANTIAGO, 2020); o realismo estético de Graciliano Ramos (CANDIDO, 2006); a ferocidade em Guimarães Rosa (SANTIAGO, 2017; RONCARI, 2007); a fala reprimida do povo em João Ubaldo Ribeiro (BERND & UTÉZA, 2001); o realismo feroz de Rubem Fonseca (CANDIDO, 2007, p. 123); a violência e a crueldade nos contos de Marçal Aquino e de Marcelino Freire, um estilo de tragédias mínimas (PELLEGRINI, 2018, pp. 226-257); e a melancolia e a ética na narrativa contemporânea (GUINSBURG, 2012a).

Aparece, ainda, com muita expressividade, na literatura latino-americana, seja na

tematização da violência política (UBILLUZ, HIBBETT Y VICH, 2009; RIBEIRO, 2013; AMAR SÁNCHEZ & AVILÉS, 2015; ADRIAENSEN & KUNZ, 2016; BORON, 2019), seja no romance da violência assinalado como a tragédia da modernidade tardia (GÓMEZ GRILLO, 2000; MANZONI, 2005; SARLO, 2007; FORERO QUINTERO, 2012; PIGLIA, 2015; TAVARES-DOS-SANTOS, 2020). Em outras palavras:

Este livro pretende analisar o romance da violência na modernidade tardia, desenvolvendo um estudo das teorias das representações coletivas mediante a análise do imaginário da violência e tomando como referência romances na América Latina contemporânea (TAVARES-DOS-SANTOS, 2020, p. 9).

A crítica às histórias hegemônicas e suas representações têm sido um dos elementos fundamentais na desconstrução da história colonial e das expressões políticas de seus afetos. O androcentrismo da nação europeia -branca e colonial- foi desestruturado graças à representação que o romance - como história figurada - permite. O romance colabora para o fortalecimento de um paradigma que permite à narração mostrar o peso do sofrimento que o modelo androcêntrico, eurocêntrico e colonial imprime nas relações cotidianas (interpessoais ou institucionais). Somente através desse empoderamento da história é que as práticas cotidianas de violência, dominação e controle sobre minorias e diversidades podem ser refutadas no plano político.

O romance - e sua análise crítica na perspectiva da violência - colabora para focalizar a leitura da realidade latino-americana sob “o prisma dialético dos diversos conflitos históricos que surgem do mundo social vivido” (HONNETH, 1992).

As agruras, sofrimentos e misérias que atravessam a vida das mulheres, diversidades, minorias e raças oprimidas conseguiram transcender um horizonte em que o olhar e a compreensão estavam ligados ao desvio ou ao adoecimento, a uma normalidade disciplinar que via nesses “casos” o erro. O investigador racional, a luta contra o mal, a ideia de criminoso que o detetive pega resgatando um horizonte de justiça deram lugar à leitura social da violência (VISCARDI, 2011).

Seja poder nas cenas (BALANDIER, 1994), seja vulnerabilidades e precariedades, a violência se desdobra: os feminicídios, os crimes dos pobres, as tramas de poder e a violência da classe alta se misturam criando um horizonte no qual o romance continua estar na fusão entre “arte e política” que Benjamin reivindicou, e esteve na origem da teoria crítica da Escola de Frankfurt (ADORNO E HORKHEIMER, 1991; BENJAMIN, 2009).

A geração de outra hegemonia (GRAMSCI, 1971), para compreender a opressão das diversidades e das mulheres, etnias e raças hoje transcendeu o senso comum. Embora desinstalar os significados que reproduzem a dominação masculina e o androcentrismo seja uma luta contínua, a crítica e revisão das relações sociais a partir de uma perspectiva de gênero é uma luta que encontra aliados na rua lutando pelo acesso ao

espaço público (BUTLER, 2006). A possibilidade de politizar esse olhar e sustentar a desconstrução se abre na rua, e a arte faz parte da performatividade constitutivas dessas lutas.

Os protagonistas que, no romance, nos aprisionam, estão enredados na trama da opressão colonial, e isso porque os autores a denunciam, ou porque a sociologia a percebe. Os romances nos permitem compreender vidas precárias, recontá-las, descrevê-las.

A análise sociológica do romance da violência pode ser considerada uma teoria que colabora para uma nova performatividade. A seu modo, cada obra dá conta de uma impossibilidade: a racionalidade neoliberal e seus mandatos morais, a máquina disciplinar, a necropolítica de uma ordem que transforma os corpos em seres potencialmente ou realmente precários (BUTLER, 2000; MBEMBE, 2006). O romance participa da ação de gerar outra política, outro olhar, despertando e consolidando a possibilidade de alianças em entes subordinados a partir do reconhecimento social de sua condição.

Nesse sentido, o nó entre mudança social, cultura e política é central. Este dossiê participa do debate sobre a relação entre arte, política e sociedade, reativando as histórias mínimas que colaboram na desconstrução da história colonial (HOMI BHABHA, 1990). Serão os gêneros fugitivos (GIROUX, 1999) a resistência do corpo e na rede rizomática de múltiplas violências (DELEUZE, 2014), as sexualidades que denunciam a matriz heteronormativa de ordem binária (PRECIADO, 2000), as culturas de minorias (CHATTERJEE, 2011), a solidariedade dos excluídos e a vida dos que vivem à margem (BUTLER, 2000), os feminicídios, a violência e a regularidade de uma ordem moral masculina tão “normal” quanto assassina (SEGATO, 2003) - protagonistas de uma literatura retrabalhada.

Esse protagonismo proporciona uma política decolonial - de gênero e raça - que, ao ser escrita, afirma, em cada página, sua existência e denuncia a exclusão. Emerge nas tramas das narrativas o direito de existir e de contestar.

Em uma perspectiva internacionalista, mediante interpretações sociológicas e literárias, em uma história espacializada (CASANOVA, 2002, p. 19), os textos a seguir vão explorar a relação entre literatura, sociedade e violência nas obras romanescas de uma série de autores - de vários países: Portugal, Tchecoslováquia, Brasil, Colômbia, Chile, Uruguay, México e Índia. Ou seja:

- i. José de Alencar, Brasil (Renato Ortiz, UNICAMP, Brasil)
- ii. José de Alencar e Apolinário Porto Alegre, Brasil (Luis Antonio Bogo Chies, Universidade Católica de Pelotas);
- iii. Camilo Castelo Branco, Portugal (César Barreira, UFC);
- iv. Antonio Callado, Brasil (Edson Benedito Rondon Filho, UFMT);
- v. Luiz Alberto Mendes, Brasil (Enio Passiani, UFRGS & Gabriele dos Anjos,

te de uma ordem mundialmente desigual. O mapa dessa rede narrativa percorre os caminhos reais e imaginários da América Latina, mostrando a reflexão e a crítica que se desenrola no continente sobre as figurações das violências.

Convidamos o leitor e a leitora a seguirem esta aventura sociológica sobre o romance, talvez para esclarecer as conflitualidades, individuais e sociais, da sociedade moderna, ou a fim de sugerir alternativas de sociabilidade, quiçá afetivas, neste convulso mundo contemporâneo.

Referências

- ADORNO, Sérgio. "Préface de La violence dans l'imaginaire latino-américain". In: CORTEN, André & CÔTÉ, Anne-Élizabeth (Dirs.). **La violence dans l'imaginaire latino-américain**. Paris: Karthala; Québec: Presses de l'Université du Québec, 2008.
- ADRIAENSEN, Brigitti & KUNZ, Marco (Eds.). **Narcoficciones en México y Colombia**. Madrid: Iberoamericana / Frankfurt: Vervuert, 2016.
- AGUIAR, Fávio (Org.). **Antonio Candido, pensamento e militância**. São Paulo: Humanitas FFLCH USP, Fundação Perseu Abramo, 1999.
- ALTAMIRANO, Carlos. **Intelectuales**: notas de investigación sobre una tribu inquieta. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2013.
- ALVES, Paulo Cesar; LEÃO, Andréa Borges; TEIXEIRA, Ana Lúcia. "Sociologia da Literatura: tradições e tendências contemporâneas". **Revista Brasileira de Sociologia**, SBS, V. 06, N. 12, jan.abr. 2018, pp. 222-241.
- AMAR SÁNCHEZ, Ana María; AVILÉS, Luis F. (Eds.). **Representaciones de la violencia en América Latina**: genealogias culturales, formas literárias y dinámicas del presente. Madrid: Iberoamericana, 2015.
- ARRIGUCCI JR., Davi. **O guardador de segredos**. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**. São Paulo: Hucitec, 1993.
- BALANDIER, Georges. **"El poder en escenas"**. Barcelona: Paidós, 1994.
- BARRÈRE, Anne; MARTUCELLI, Danilo. **Le roman comme laboratoire**: de la connaissance littéraire à l'imagination sociologique. Villeneuve-d'Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 2009.
- BARTHES, Roland. **La préparation du roman**. Paris : Seuil, 2015.
- BARTHES, Roland. **Le Plaisir du Texte**. Paris : Seuil, 1973
- BASTOS, Elide Rugai; BOTELHO, André. "Para uma Sociologia dos Intelectuais". **DADOS**, Rio de Janeiro, IUPERJ, v. 53, n. 4, 2010, pp. 889-919.
- BAUMAN, Zygmunt; MAZZEO, Riccardo. **O elogio da literatura**. Rio de Janeiro, Zahar, 2020.
- ALVES, Paulo Cesar; LEÃO, Andréa Borges; TEIXEIRA, Ana Lúcia. "Sociologia da Literatura: tradições e tendências contemporâneas". **Revista Brasileira de Sociologia**, SBS, V. 06, N. 12, jan.abr. 2018, pp. 222-241.
- BENJAMIN, Walter. **Estética y política**. Las cuarenta, Buenos Aires, 2009.
- BERND, Zilé; UTÉZA, Francis. **O caminho do meio**: uma leitura da obra de João Ubaldo Ribeiro. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.
- BHABHA, Homi (comp.) (1990). **Nación y narración** –entre la ilusión de una identidad y las diferencias culturales. Siglo XXI, Buenos Aires, 1990.

- BORON, Atilio A. **El hechicero de la tribu**: Mario Vargas Llosa y el liberalismo en América Latina. México: Akal, 2019.
- BOTELHO, André; HOELZ, Maurício. “Sociologias da literatura: do reflexo à reflexividade”. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 28, n. 3, pp. 263-287, 2016.
- BOURDIEU, Pierre. **“Cosas dichas”**. Madrid: Gedisa, 2000.
- BOURDIEU, Pierre. **“Espíritus de Estado. Génesis y estructura del campo burocrático” en Razones prácticas**. Barcelona: Anagrama, 1997.
- BUTLER, Judith. **“Cuerpos aliados y lucha política. Hacia una teoría performativa de la asamblea”**. Buenos Aires: Paidós, 2000.
- BUTLER, Judith. **“Deshacer el género”**. Barcelona: Paidós, 2006.
- CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**. São Paulo: Melhoramentos, 2013.
- CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito** (estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida). São Paulo: Duas Cidades, 2. ed. 1971.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos 1750-1880**. 10. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, [1957] 2006.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010 [1965].
- CANDIDO, Antonio. **Ficção e confissão** (Ensaio sobre Graciliano Ramos). 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CANDIDO, Antonio. **Iniciação à literatura brasileira**. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2007.
- CANDIDO, Pascale. **A república mundial das letras**. São Paulo: Estação liberdade, 2002.
- CANDIDO, Euclides. **Os Sertões**. São Paulo: UBU / SESC, 2 ed. 2019 (Walnice Nogueira Galvão, organizadora).
- CERVANTES, Miguel de. **Don Quijote de la Mancha**. Barcelona: Real Academia Española / Penguin Random House, 2015.
- CHATTERJEE, Partha. “Delhi lecture. La política de los gobernados” En **Rev. Colombiana de Antropología**, Vol 47 (2), julio-diciembre 2011.
- DELEUZE, Gilles. **“Las redes del poder”**. Buenos Aires: Ed. Almagesto, 2014.
- D’INCAO, Maria Angela; SCARABÓTOLO, Eloísa Faria (Orgs.) **Dentro do texto, dentro da vida** (Ensaio sobre Antonio Candido). São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- FISCHER, Luís Augusto. **Duas formações, uma história: das ideias fora do lugar ao perspectivismo ameríndio**. Porto Alegre, Arquipélago, 2021.
- FONSECA, Maria Augusta; SCHWARZ, Roberto (Orgs.). **Antonio Candido 100 anos**. São Paulo: Editora 34, 2018.
- FORERO QUINTERO, Gustavo. **La anomia en la novela de crímenes en Colombia**. Medellín: Siglo del Hombre, Universidad de Antioquia, 2012.
- FREderICO, Celso. **Sociologia da cultura: Lucien Goldmann e os debates do século XX**. São Paulo: Cortez, 2006
- FUKS, Julián. **Romance: história de uma ideia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- GINZBURG, Jaime. **Crítica em tempos de violência**. São Paulo: Edusp, 2012.
- GINZBURG, Jaime. **Literatura, violência e melancolia**. Campinas: Autores Associados, 2012.
- GIROUX, Henry “Modernismo, posmodernismo y feminismo. Pensar de nuevo las fronteras del discurso educativo” In: Marisa Belausteguigoitia Rius (Coord.) **“Géneros prófugos: feminismo y educación”**, México D.F: Paidós-Unam, 1999

- GOLDMANN, Lucien. **A Sociologia do Romance**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, [1964] 1990.
- CÓMEZ GRILLO, Elio. **Apuntes sobre la delincuencia y la cárcel en la literatura venezolana**. Caracas: Monte Ávila, 2000.
- GRAMSCI, Antonio. **“El materialismo histórico y la Filosofía de Benedetto Croce”**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1971.
- GROSSI-PORTO, Maria Stela. “Representações sociais: ampliando horizontes disciplinares”. **Sociedade e Estado**, Brasília, UnB, v. 24, n. 3, set.dez. 2009.
- GROSSI-PORTO, Maria Stela. **Sociologia da Violência: do conceito às representações sociais**. Brasília: Francis, 2010.
- HONNETH, Axel. **“La lucha por el reconocimiento”** Barcelona: Crítica, 1992.
- HORKEIMER, Max; ADORNO, Theodor. **“Dialéctica de la Ilustración”**. Valladolid: Trotta, 1994.
- IANNI, Octavio. **O labirinto latino-americano**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- IANNI, Octavio. **Pensamento social no Brasil**. Bauru: EDUSC/ANPOCS, 2004.
- IANNI, Otávio. **Enigmas da Modernidade-Mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- LEENHARDT, Jacques. **“Existência e objeto da ‘sociologia da literatura’, hoje”**. *Sociologias*, Porto Alegre, 20(48), pp.30-46, 2018.
- LUCA, Tania Regina de. “Dossiê Pierre Bourdieu e a literatura”. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, UNESP – FCL, v. 14, n. 27, pp.281-285, 2009.
- LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. São Paulo, Duas Cidades, [1920] 2000.
- MANZONI, Celina. **Violencia y silencio: literatura latinoamericana contemporánea**. Buenos Aires: Corregidor, 2005.
- MBEMBE, Achille. “Necropolitique”. **Traversées, diásporas, modernités, Raisons politiques**, N° 21, Paris, 2006.
- MORETTI, Franco. **Atlas do romance europeu: 1800-1900**. São Paulo: Boitempo, 2003.
- NUNES, Benedito. **A clave do poético**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- PASSIANI, Enio. “Afinidades seletivas: uma comparação entre as sociologias da literatura de Pierre Bourdieu e Raymond Williams”. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, UNESP – FCL, v.14, n.27, pp.285-299, 2009
- PASSIANI, Enio. “Figuras do intelectual: gênese e devir”. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 20, n. 47, janeiro/abril, pp. 16-47, 2018.
- PASSIANI, Enio. “Uma longa jornada: a gênese da sociologia das formas discursivas de Raymond Williams “. **Resgate - Rev. Interdisciplinar de Cultura**, Campinas, v. 28, pp. 1-35, 2020.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- PIGLIA, Ricardo. **La forma inicial: conversaciones en Princeton**. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2015.
- PINTO, Louis. **Sociologie des intellectuels**. Paris: La Découverte, 2021.
- PRECIADO, Paul Beatriz. **“Manifiesto contrasexual”**. Barcelona: Argumentos anagrama, 2000.
- RAMA, Ángel. **Literatura, cultura e sociedade na América Latina**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- RIBEIRO, António Sousa (Org.). **Representações da violência**. Coimbra: Almedina, 2013.
- RONCARI, Luiz. **O cão do sertão: literatura e engajamento (ensaio sobre João Guimarães Rosa, Machado de Assis e Carlos Drummond de Andrade)**. São Paulo: UNESP, 2007.
- RUEDAS DE LA SERNA, Jorge (Org.). **Antonio Candido**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.
- SANTIAGO, Silviano. **Fisiologia da composição** (gênese da obra literária e criação em Graciliano Ramos e Machado de Assis. Recife: CEPE, 2020).
- SANTIAGO, Silviano. **Genealogia da ferocidade** (ensaio sobre Grande Sertão, de Guimarães Rosa). Recife:

CEPE, 2017.

SAPIRO, Gisèle. **Peut-on dissocier l'oeuvre de l'auteur?** Paris: Seuil, 2020.

SAPIRO, Gisele. **Sociologia da Literatura**. São Paulo: Moinhos, 2019.

SARLO, Beatriz. **Escritos sobre Literatura Argentina**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2007.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto, triste visionário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro**. São Paulo: Duas Cidades/ 34, 1977.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis**. São Paulo: Duas Cidades/ 34, 2000.

SCHWARZ, Roberto. **Seja como for: entrevistas, retratos, documentos**. São Paulo: Editora 34, 2019.

SEGATO, Rita. **“Las estructuras elementales de la violencia. Ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos”**. Prometeo, Universidad Nacional de Quilmes, 2003

TAVARES-DOS-SANTOS, José Vicente. **O romance da violência (sociologia das metamorfoses do romance policial)**. Porto Alegre: TOMO, 2020.

TAVARES-DOS-SANTOS, José Vicente; BAUMGARTEN, Maíra. “Sociedade da Informação: as metodologias inovadoras no ensino contemporâneo da Sociologia”. In: MARTINS, Carlos B. (Org.). **Para onde vai a Pós-Graduação em Ciências Sociais**. São Paulo: ANPOCS, pp.231-259,2005.

TAVARES-DOS-SANTOS, José Vicente. “As possibilidades das Metodologias Informacionais nas práticas sociológicas: por um novo padrão de trabalho para os sociólogos do Século XXI”. **Sociologias**, v. 3, n. 5, pp. 114-146, 2001.

TAVARES, Selena Comerlato. **Economia em Jane Austen: dinheiro, ética e casamento**. Porto Alegre: Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018 (TTC).

TEIXEIRA, Ana Lúcia. “Literatura e sociologia: relações de mútua Incitação”. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 20, n. 48, maio-agosto, pp. 16-28, 2018.

TRINDADE, Hélgio. **Un largo viaje por América Latina: Invención, reproducción y fundadores de las ciencias sociales**. Buenos Aires: CLACSO, 2021.

UBILLUZ, Juan Carlos; HIBBETT, Alexandra; VICH, Víctor. **Contra el sueño de los justos: la literatura peruana ante la violencia política**. Lima: IEP – Instituto de Estudios Peruanos, 2009.

WAIZBORT, Leopoldo. **A passagem do três ao um**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade: 1780-1950**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1969.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. São Paulo: UNESP, 2011.

Sobre os organizadores

José Vicente Tavares dos Santos - Sociólogo (UFRGS, 1971), Mestre (USP, 1977) e Docteur d'Etat, Université de Paris-Nanterre, 1987), Pós-doutorado, (University of Cambridge, U.K. 2008). Professor Titular do PPG Sociologia, e do PPG Segurança Cidadã da Universidade Federal do Rio Grande do Sul(UFRGS). Pesquisador do CNPq. Foi pesquisador visitante do CALAS – Universidad de Guadalajara, México, 2019-2021. <https://orcid.org/0000-0001-8410-5085> **josevtavares@gmail.com**

Nilia Viscardi - Licenciatura em Sociologia pela Faculdade de Ciências Sociais da Universidad de la República, Uruguay (1996). Mestre (1999) e Doutora (2007) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. Pós-doutorado no CESDIP – University de Versailles, France. Professora Associada da Facultad de Humanidades, UDELAR. <https://orcid.org/0000-0001-8070-3491> **nilia.viscardi@gmail.com**